



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM - CESITA
CURSO: LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

WALYSON RENAN CARVALHO DUTRA

“ANTES DE NASCER O MUNDO” DE MIA COUTO: vidas transformadas pela guerra

WALYSON RENAN CARVALHO DUTRA

“ANTES DE NASCER O MUNDO” DE MIA COUTO: vidas transformadas pela guerra

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru – CESITA da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Esp. Cinthia Andréa Teixeira dos Santos
Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa Inglesa e Espanhola;
Especialista em Ensino Aprendizagem Língua Portuguesa Inglesa e Espanhola.

WALYSON RENAN CARVALHO DUTRA

“ANTES DE NASCER O MUNDO” DE MIA COUTO: vidas transformadas pela guerra

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru – CESITA da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para colação de grau.

Orientadora: Prof^a. Esp. Cinthia Andréa Teixeira dos Santos
Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa Inglesa e Espanhola;
Especialista em Ensino Aprendizagem Língua Portuguesa Inglesa e Espanhola.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Orientador(a) - Prof^a. Esp. Cinthia Andréa T. dos Santos
Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa Inglesa e Espanhola.
Especialista em Ensino Aprendizagem Língua Portuguesa Inglesa e Espanhola.

Examinador(a) 01 – Prof^a. Esp. Daulinda Santos Muniz

Examinador(a) 02 – Prof. Esp. Edjanio de Abreu Mendes

Dedico este trabalho a Deus, por ser lâmpada para os meus pés e luz para os meus caminhos.

À minha esposa Valquirene, companheira, amiga de todos os dias.

Às minhas filhas Layla, Kariny e ao meu filho Arthur, sou grato a vocês por compreenderem a minha ausência em todo esse tempo de estudo.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço ao meu Deus, pelo braço forte que me conduziu até aqui. E, pela companhia nos momentos mais temíveis nessa lida estudantil na Universidade. Principalmente nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha esposa Valquirene de C. da S. Dutra, que sempre esteve ao meu lado, dando-me animo e palavras de consolo quando eu pensava em desistir. Sempre estive à minha espera nas noites que estive na Universidade. Amo você!

Aos meus queridos filhos, Layla, Kariny e Arthur, que sempre me receberam em casa e, ainda recebem com um abraço bem apertado, como se eu estivesse voltando de uma longa viagem. Filhos... amo vocês!

Agradeço também aos meus pais, Albino Dutra e Doina Carvalho Dutra, que incentivaram-me a cursar um nível superior, aproveitando a oportunidade de uma Universidade Estadual aqui na nossa localidade, sem que fosse necessário sair para longe deles.

Às minhas irmãs, Lília e Lilian, por ficarem com os meus filhos nos momentos que precisei deixá-los com vocês e que cuidaram super bem deles por mim. Muito obrigado!

À minha sogra Ana e às minhas cunhadas, Lili, Diene, e Valquíria, por suas paciências com meus filhos quando precisei deixá-los nas vossas companhias.

E de maneira especial à minha orientadora, Professora Cinthia Andréa T. dos Santos, disponibilizando-se a nortear esse trabalho. Fica aqui os meus agradecimentos a você!

Não poderia deixar de agradecer à Universidade Estadual do Maranhão que proporcionou ensinamentos e conhecimentos aprofundados no curso de Letras. À equipe de funcionários com suas contribuições diretas e indiretas para a minha formação acadêmica, em especial a Erika, que sempre me recebeu muito bem na secretaria da universidade tirando as dúvidas e orientando na melhor maneira de agir. Aos professores que passaram na minha vida de estudos nos decorridos anos no Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim – CESITA.

À todos os meus colegas de turmas pelas quais passei durante todo esse tempo na UEMA, foram muitas. Mas agradeço por me receberem e darem o privilégio de formar novos amigos, compartilhando grandes experiências. A todos, meu muito obrigado!

***“[...] queres conhecer um
homem, espreita-lhe as
cicatrices”.***

Mia Couto

RESUMO

As literaturas moçambicanas, foram um grande instrumento de luta de libertação durante o jugo colonial português. Operaram historiograficamente ao se comprometerem com a escrita da história e das experiências passadas das sociedades abaladas pela colonização. O objetivo deste trabalho se dá na promoção de uma reflexão sobre o percurso dessa literatura que se constituiu um marco para independência intelectual. A priori, as representadas na obra do escritor moçambicano Mia Couto. Também, como se dá a construção dentro da ficção em uma narrativa marcada pelo trauma das guerras e como as memórias do autor e dos personagens se entrelaçam com um imaginário sobre as guerras em Moçambique. A Literatura Africana possibilitou-nos a experiência de adentrar nesse universo, e ainda, desvendar a riqueza da vida de pessoas transformadas pela guerra e do trabalho do escritor Mia Couto. A escolha tema escolhido surgiu através de conceitos, estudos, elaborados através de pesquisa bibliográficas em sites, assim como também em outros acervos literários. Em primeira instância foi efetivado o levantamento de material bibliográfico contendo as percepções de teóricos que discutem e corroboram com a temática deste trabalho. Tais como: COUTO (2016); OLIVEIRA (2009); FENSK (2012); MARTINS (2017), dentre outros. Através do olhar desses intelectuais a literatura passou a ser uma forma de expressão mais contundente em aplicação de novos conceitos de educação literária, e uma arma contra a guerra em Moçambique. Pois, através dela os escritores, assim como Mia Couto, tornaram-se vozes na luta e resistência contra essa forma de opressão, a guerra.

Palavras-chave: Colonização; História; Literatura; Moçambique

ABSTRACT

The Mozambican literatures were a great instrument of liberation struggle during the Portuguese colonial trial. They operated historiographically by committing themselves to the writing of history and past experiences of societies shaken by colonization. The objective of this work is to promote a reflection on the course of this literature that was a milestone for intellectual independence. A priori, those represented in the work of the Mozambican writer Mia Couto. Also, how the construction within the fiction takes place in a narrative marked by the trauma of the wars and how the memories of the author and the characters intertwine with an imaginary on the wars in Mozambique. African Literature has enabled us to experience this universe, and to uncover the richness of the lives of people transformed by the war and the work of the writer Mia Couto. In order to achieve the chosen theme, it emerged through concepts, studies, elaborated through bibliographical research in websites, as well as in other literary collections. In the first instance, the collection of bibliographic material was carried out containing the perceptions of theorists who discuss and corroborate with the thematic of this work. Such as: COUTO (2016); OLIVEIRA (2009); Fensk (2012); MARTINS (2017), among others. Through the eyes of these intellectuals literature became a more forceful expression in the application of new concepts of literary education, and a weapon against the war in Mozambique. For through it writers, like Mia Couto, have become voices in the struggle and resistance against this form of oppression, war.

Keywords: Colonization; Story; Literature; Mozambique

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA AFRICANA.....	11
2.1 Literatura africana no período colonial.....	13
2.2 O advento da lei – LEI 10.639/03.....	14
2.3 Literatura africana nos dias atuais.....	16
3 ASPECTOS HISTÓRICOS DE MOÇAMBIQUE	19
3.1 A literatura: fonte de esperança para os moçambicanos	22
4 O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA MODERNA NA ÁFRICA.....	26
4.1 A modernidade e a tradição africana.....	28
5 O ESCRITOR AFRICANO: Mia Couto.....	31
5.1 O LIVRO: vidas transformadas pela guerra	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Desde muito tempo a guerra vem trazendo efeitos destrutivos em Moçambique, principalmente no âmbito educacional, ou no sistema de educação (MUNIZ, 2013). Acredita-se que por motivos iguais a esses, citado pelo autor, que Mia Couto organizou seus pensamentos narrativos ao longo do contexto descrito na história em seu livro “Antes de Nascer o Mundo”. Pois em dados momentos, percebe-se que Mwanito – personagem narrador da história, é uma criança em crescente desenvolvimento, desejoso e/ou ansioso por aprender a ler e escrever.

No enredo, Mwanito conta-nos a história de cada personagem morador de Jerusalém: de sua própria história; de seu pai, Silvestre Vitalício, homem amargo, pelas decepções da vida e pela perversidade do mundo, escondendo de seus filhos o mundo de verdade, na intenção de protegê-los.

Sabe-se que a partir do momento em que há conflitos internos que podem causar mau ou algum dano às pessoas de nossas famílias, principalmente pela guerra, é natural esse ato de proteção. Assim, Silvestre Vitalício não hesitou em proteger a sua família. Levando-os para uma terra longínqua denominada por ele mesmo de “Jerusalém”, mesmo que essa forma de agir causasse separação de sua terra natal ou mudança de hábitos. Para Mwanito, o narrador dos fatos, “o mundo terminara”, em outras palavras, “o [...] planeta se resumia em: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho”. Nessas terras distantes, acreditavam eles, que “até as almas penadas já se haviam extinto” (COUTO. 2016. pág. 11).

Para este Trabalho de Conclusão de Curso, objetivou-se através de análises bibliográficas, entre outros meios de estudos, trazer um recorte do contexto histórico-cultural de Moçambique presente na ficção realista à luz da literatura africana de Mia Couto. Nada, portanto, mais humano do que combater as forças que subjagam os homens, quando se têm em conta as novas lutas travadas no desenrolar da história, em suas etapas de transformação. Nessa temática, tomou-se por embasamento o livro “Antes de Nascer o Mundo” (2016) do escritor Mia Couto, demonstrando-nos também, quão inseparável é a produção literária nos desdobramentos históricos moçambicana na qual essa narrativa está inserida.

Discute-se na literatura de Mia Couto a oralidade e a escrita construída na obra em análise, exprimindo na literatura moçambicana o engajamento ao símbolo da resistência cultural do século XX.

Em suma, por essas inquietações, surgiu o interesse em investigar o escritor contemporâneo moçambicano em sua respectiva obra “Antes de Nascer o Mundo”, procurando estabelecer mais uma perspectiva de análise e leitura da ficção deste autor tão importante para as literaturas africanas de Língua Portuguesa.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA AFRICANA

O espaço africano é o "lugar performativo" nos romances, escritos em fases diferentes, com variadas representações: o perdido e o recuperado (conquistador/conquistado); o da movimentação de chegada e partida (cidade/mato, ilha/floresta); e o sensorial (sensações visuais, olfativas, auditivas etc.). O espaço socioeconômico (rural e urbano) é revelador do universo do campo (agricultura, caça, extração), em que desponta a relação entre colonos e trabalhadores negros; e o universo das cidades (casa do colono, ruas, cabarés, escritórios) com o comércio de bens de consumo. Noa (2015) identifica no romance colonial o espaço como lugar sociocultural, como nação e como dimensão utópica.

A literatura africana é uma das mais populares entre os meios literários. Sua força é densa, que cursos de letras e comunicação a obtêm como disciplina separada das outras. Ela existe em línguas diversas, em nações com as quais se uniu durante o período colonial.

Segundo Campos (2008), ao citar Magnani (2001) afirma que:

[...] a literatura é elemento transformável e transformador, pela dialética entre a simbologia da obra e a simbologia social, em que o indivíduo atinge o universal, seja pela liberdade de formas ou pela intertextualidade que permite correlações entre obras de épocas diferentes, o que possibilita à criação literária instituir-se como fator multicultural. Essa condição dialética se explica pelo fato de que a ficcionalidade simboliza um espaço público, compreendendo-se como uma retomada e uma reconfiguração da maneira como uma sociedade simboliza a sua História.

Nota-se a relevância da literatura africana para os estudos e conhecimento de uma nação. Pois, permite que indivíduos usem sua liberdade de escrita para expressarem ou informarem aspectos históricos culturais. Como diz Campos (2008) “essa relação História-ficção é um dos elementos que reforçam a função humanizadora da literatura, sobretudo pelas possibilidades de (re)criar, questionar e transformar”.

Dessa forma, a literatura pode “reciclar o mundo”, de forma que através de um discurso subjetivo, é possível chegar-se à verdade histórica através da literatura, pois, segundo Esteves (1998):

Não se trata de substituir a história pela ficção, mas de possibilitar uma aproximação poética em que todos os pontos de vista contraditórios, mas convergentes, estejam presentes, formando uma representação totalizadora, uma forma privilegiada de se ler os signos da história. (ESTEVES, 1998, p.12).

Como foi relatado por Esteves (1998) que é por meio da literatura que torna-se possível gerar familiaridade ou “aproximação” com [...] “uma história de produção artística capaz de operar como um instrumento facilitador para a compreensão das culturas africanas, com suas mais diversas sociedades” (NEVES, 2018, p. 90).

Percebe-se na fala dos autores a simplicidade no que tange ao ensino da Literatura Africana como ferramenta de estudos e aprendizagem nas escolas brasileiras ou mesmo fora do país, principalmente em países que falam a língua portuguesa. Pois, os escritores ao fazerem uso do pensamento fictício nas suas obras, torna-o uma forma de exteriorizarem suas reações ao meio em que vivem ou viveram, não substituindo a história, mas, ampliando o entendimento sobre ela.

Pensa-se em um fio condutor que une as literaturas é o mesmo que considera-las sociedades que trazem composições étnicas distintas, “percursos políticos culturais diferenciados, e que sofreram e reagiram de diferentes maneiras a violência do colonizador, mas é também ter em mente os laços fortes que as unem” (CAMPOS, 2008). Nesse mesmo raciocínio, Leila Leite Hernandez observa que “a aproximação entre os países africanos, mais do que por motivos de ordem estrutural, é possibilitada pelos efeitos do colonialismo”, e, diga-se de passagem, “com o agravamento da crise econômica e o endividamento externo, além das sérias consequências da repressão”. A unificação se impõe, “a despeito da diversidade de matizes ideológicos e políticos dos movimentos nacionalistas dos diferentes países africanos”. (2005, p. 162).

Nessa evolução, as literaturas africanas nascem como uma recusa à literatura e ao pensamento colonial. Ou uma forma de negação, protesto e reivindicação. Segundo Campos (2008,), “a intenção é reescrever a história africana” desconstruir a discursividade colonial é uma maneira de reinscrição e reinvenção da África.

Segundo a autora citada acima a “efetivação desse intuito, que se alinhava na luta contra o colonialismo, e na tentativa de edificar sua história, a literatura lança mão de alguns artifícios que têm como principal objetivo ressaltar a africanidade dessas produções”, e explorando mais sobre essa questão, ler-se o seguinte:

A formação e o desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa, desde o primeiro livro impresso, em 1849, até à actualidade, passaram pela construção do ideal nacional no discurso. No discurso literário, o nacionalismo foi a antecipação da nacionalidade, modo específico de a escrita se naturalizar como própria de uma Nação-Estado em germinação. A consciência nacional, no discurso literário, atravessou, assim, diversos estádios de evolução, desde meados do século XIX até à actualidade (LARANJEIRA, 2001, p.185).

A incorporação de elementos da oralidade, a desconstrução gramatical da língua oficial, a mitificação do passado glorioso, o aspecto de denúncia, o intenso compromisso político, o uso de línguas e expressões culturais nativas, representam a ânsia desses escritores em se afastar da perspectiva colonial e fundar algo que pudesse ser visto e identificado como efetivamente africano (CAMPOS, 2008, p. 10).

2.1 Literatura africana no período colonial

No aspecto literário africano, Berque (1996) reconhece, no período colonial, uma forma maquinável de desnudar o colonizado de seus matizes sócio-culturais e da sua história, tornando-a corrompida. Destituindo assim, o colonizado do seu caráter de sujeito, e o colonizador pretende na intenção mais profunda, erigir-se como o humano-humanizador, como o contraponto da incivilidade. Por isso, que nesse aspecto, Berque (1996) corrobora com Fanon (1979), quando este, impreterivelmente, afirma que “ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar seus cérebros de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o”.

Nota-se, quando Fanon (1979) afirma anteriormente, que o processo colonial não propõe um nível de igualdade entre colonizado e colonizador. Mas contraditoriamente, a lógica colonial implica no desconhecimento da humanidade do colonizado e, assim, atribui-lhe a condição de objeto.

Conforme Caetano (2007), “do ponto de vista [...] da conversão em coisa, o colonizado não possui qualidades intelectivas que lhe possibilitem pensar racionalmente e, portanto, não possui também capacidade de agir civilizadamente”. Para o referido autor, “o padrão de pensamento e comportamento é, obviamente, o fornecido pelo paradigma ilustrado europeu, que concebe a si mesmo como o único”.

Desse modo, erige-se a prerrogativa redutora e etnocêntrica europeia de que é necessário civilizar o gentio, ou seja, de que se deve conduzir o nativo colonizado em direção às “luzes”, para que ele possa alcançar o estatuto de ser racional. Trata-se aqui de um princípio irrevogável da filosofia ilustrada, fundamentada

na noção de homo universalis. Contudo, civilizar significou, efetiva e paradoxalmente, aniquilar a diferença, através da escravização do colonizado e da perversão de sua humanidade.

A literatura africana desde os seus primórdios primou pela simplicidade, tornando-se forte a partir de ideais comuns, tais como libertação, independência, afirmação da identidade nacional etc., hoje ela confirma sua pluralidade de realidades e estilos. Nesse avanço de mudança, encontram-se questões universais, problematizadas em substituição às temáticas africanas.

2.2 O advento da lei – LEI 10.639/03

No Brasil o ensino da história e cultura africana sempre foi relacionada ao tema da escravidão negra. No entanto, pretende-se fazer um pequeno esboço acerca da Lei 10.639/03, que no seu conteúdo, segundo Carvalho (2019), “torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio” e, sem dúvida nenhuma, até mesmo no ensino superior.

É fácil se ter uma reflexão no profundo significado da palavra escravo, pois, quando referimo-nos, em aula, ao escravo africano, equivocamo-nos, por que ninguém é escravo – as pessoas foram e continuam sendo escravizadas por outros. Volvamos mais ainda os pensamentos àquelas pessoas em determinadas condições de trabalho atualmente! O que dizer dessas pessoas que sofrem nos dias contemporâneos? Portanto, a palavra escravo não existiria sem o mais amplo significado do que é o trabalho e das condições para o trabalho.

A Lei 10.639/03 chegou para quebrar essa linha de raciocínio e propor novas diretrizes curriculares para o estudo da história, cultura afro-brasileira e africana. Apoiando os professores em sala de aula no que se referi ao uso da cultura africana como constituinte e formadora da sociedade brasileira, como Carvalho (2019) afirma, a partir de então, “os negros são considerados como sujeitos históricos”, valendo-se de, “pensamentos e ideias de importantes intelectuais negros brasileiros”, desta forma “a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas” tomaram força no âmbito escolar.

Apesar dos decorridos anos de lutas, talvez bem demorada para ser sancionada, mas para os dias atuais servindo de grande valia, a Lei 10.639/03 foi decretada pelo Congresso Nacional e assinada pelo Presidente do Brasil, no ano de 2003, que por aquela ocasião era o Sr. Luís Inácio Lula da Silva.

Vejamos, na página seguinte, a Lei na íntegra:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, [...] e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

[...]

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA.

(BRASIL, 2003, p.01).

Sabe-se que Leis são frutos de processos de embates e disputas de grupos organizados da sociedade em torno de múltiplos interesses. Sua aprovação, como diz Gentili (2009), significa ao mesmo tempo, o ápice desses processos – pois declara-lo como direito é reconhecê-lo politicamente – e a continuação do trajeto de busca por sua realização, questionamentos e revisão no cotidiano das instituições e das relações humanas.

Mas, foi a partir desses questionamentos educacionais que o ensino da Literatura Africana pôde se expandir com todo vigor e força no âmbito escolar, principalmente para as séries iniciais. Após a aprovação da Lei 10.639/03, garantiu-se uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira (CARVALHO, 2019).

Pode-se observar na citação acima, que a Lei que rege a educação nacional (Lei 9.394/96) ganha acréscimos para o melhoramento do ensino. Pois a educação abrange aspectos familiares, convivência humana, trabalho, instituições de ensino e pesquisa, movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais.

Observa-se o acréscimo do Art. 26-A da Lei 10.639/03, onde rege a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em todas as entidades de educação, bem como da luta dos negros no Brasil e na formação país, resgatando

a contribuição pertinente à História do Brasil. Vitória ganha e recompensada com o regulamento do dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Contudo, Almeida (2017), afirma em seu discurso um pouco da realidade na vida educacional, pois ele retrata que apesar das influências do meio pode-se chegar a um denominador comum e diverso. Vejamos o que ele escreveu:

Por outro lado, a lei não garante, por si só, a efetivação de seus preceitos. Ela se torna mais um instrumento para que, na dinâmica sociopolítica e no próprio cotidiano escolar, com todas as contradições, conflitos e embates que ali se dão, sejam produzidos os significados e os valores em torno de seu conteúdo. (ALMEIDA, 2017, p. 58).

Percebe-se claramente nas palavras do autor outrora citado, a necessidade deste tema ser aplicado no âmbito escolar, mesmo em face de tantas “contradições” ou de muitos “conflitos” que podem vir ocorrer no ensino da literatura africana nos dias atuais.

Tratar de assuntos da literatura africana em sala de aula traz grandes inspirações para os discentes e docentes, pois, abordam-se nesses estudos, assuntos referentes a conflitos vividos na região de guerras, assim como a beleza dos lugares que, ainda existem, principalmente dos sofrimentos que passaram os próprios escritores africanos por uma educação de qualidade e igualitária.

2.3 Literaturas africanas nos dias atuais

Apesar de ser mui importante para a educação, a literatura africana ainda não tem recebido atenção primordial nos países de língua portuguesa. Sabe-se, que a literatura africana tem suas raízes no movimento que ficou conhecido como negritude.

No Brasil, a situação é agravada pelo mito da democracia racial, amplamente difundida e hegemônica durante o século XX, que teve na obra de Gilberto Freyre, *Casa grande e senzala*, lançada pela primeira vez em 1933, um dos seus maiores representantes (ANDRADE, 2013, p. 44). Com base na crença da democracia racial, como a autora mencionada anteriormente cita, “a nossa estrutura curricular há décadas reproduz para a educação básica o cânone da mestiçagem”, e acrescenta dizendo que “da harmonia racial e da modernidade apreendida pela ótica do europeu”, as aulas de história, apresenta a África somente “no contexto da escravidão e da expansão do capitalismo”. (ANDRADE, 2013, p. 44).

Entende-se ainda, que nos momentos atuais, a literatura africana se tornou um veículo para a “desbarbarização” social e educativa das questões étnico raciais.

Em relação sobre o uso das literaturas africanas para os currículos escolares, o grande ganho dessas produções é que elas:

Criam muitas oportunidades de inovação para a prática pedagógica de professores (as) de vários segmentos da Educação Básica e da Educação Infantil. Inovam por trazer uma temática que por muito tempo tem sido ignorada ou marginalizada nas práticas escolares. Inovam por permitir que alunos(as) e professores(as) assumam novos papéis na escola: são pesquisadores, poetas, bailarinos, debatedores, sempre críticos e sensíveis aos elementos que nos unem à África e sua literatura. Inovam por possibilitar novas relações entre a escola e a comunidade, que pode ser co-participante na promoção de eventos que celebram a riqueza da cultura negra (JORGE e AMÂNCIO, 2008, p.107-108).

Conforme o que foi dito na mensagem de Jorge e Amâncio (2008), observa-se na relevância da literatura africana em contextos de aperfeiçoamento pedagógico, pois, fornece, conforme afirma Leite (1998) citado por Silva (2012), riquíssimos conteúdos a serem transpostos à formalização de atividades em sala de aula. Visando à instituição de ensino motivar as discussões das temáticas étnico-raciais, e que, superem os erros do passado e construam pontes de diálogo e cidadania plena.

Com a aprovação da Lei 10.639/03, além dos muitos benefícios para a educação no Brasil, os livros didáticos já estão quase todos adaptados com o conteúdo literário africano, como ferramentas que os professores podem utilizar em sala de aula, e de múltiplas diversidades. Podendo assim, recorrer às iconografias (imagens), como pinturas, fotografias e produções cinematográficas.

Pois, é durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, que as habilidades relacionadas à leitura e à escrita vão se desenvolvendo em um processo contínuo. Hoje em dia, busca-se que o educando, conforme afirma Gisele Ferreira da Silva (2015), tenha contato com diferentes tipos de textos, como músicas, histórias, lendas e contos africanos, entre outros, que permitam uma reflexão crítica, trazendo elementos sobre vida, costumes, cultura, política e realidade africana. Se esvaindo, portanto, de uma visão estereotipada, estar atento ao uso e abuso da África ou estereótipos fabricados de uma África no Brasil, como coloca Sansone (2002).

3. ASPECTO HISTÓRICO DE MOÇAMBIQUE

Ao se falar em histórico moçambicano não se pode deixar de descrever um pouco da luta de Eduardo Mondlane no importante estudo das origens dos movimentos de libertação em África. Este veio a ser considerado um “testemunho indispensável para o conhecimento da história do processo de formação da Frente de Libertação Nacional de Moçambique – FRELIMO – de que foi primeiro Presidente a 28 de Setembro de 1962”, (SOUSA, 2008).

O referido autor volta a afirmar o seguinte, sobre Eduardo Mondlane:

A sua vida e a sua obra são fundamentais para o conhecimento das origens do moderno nacionalismo na elite política africana, bem como na compreensão do processo de formação do movimento independentista que conduziu à luta de libertação nacional de Moçambique e à sua Independência a 25 de Junho de 1975. (SOUSA, 2008, p 149).

Eduardo Mondlane, como foi mencionado, foi fundamental para a, frente de libertação do colonialismo europeu em Moçambique. Foram anos de lutas e reivindicações para que isso viesse a acontecer de fato e decretado pelo governo. Pode-se afirmar ainda, em definições gerais, que o pensamento político de Eduardo Mondlane foi o resultado da junção de diversos fatores, como afirma Sousa (2008):

[...] influências internas que resultam do meio social e cultural em que está inserido; as influências externas decorrentes da conjuntura política, económica e social internacional, que vão variando consoante os espaços e os tempos em que se move e atua; a influência que o próprio Eduardo Mondlane cria, resultante do posicionamento crítico e ativo deste líder nacionalista. (p. 149).

Conforme o que se relatou acima, pode-se dizer que Mondlane já tinha chegado à conclusão de que não seria possível conseguir a independência de Moçambique sem uma guerra de libertação. A partir de então, começa no Estado a guerra para a libertação.

O *site* Wikipédia contando a história de vida e fim do líder africano e sua engajada luta pela libertação de Moçambique - bem como de pessoas influentes da época que tiveram seus nomes registrados na história africana e de suas peripécias, estando eles no poder - descreve o seguinte sobre essa guerra desencadeada por Eduardo Mondlane:

A luta armada foi desencadeada em 25 de Setembro de 1964, com o ataque de um pequeno número de guerrilheiros ao posto administrativo de Chai, na província de Cabo Delgado, a cerca de 100 km da fronteira com a Tanzânia. Para além das acções militares, a FRELIMO organizou um sistema de comércio para apoiar as acções de guerrilha, e Lázaro Nkavandame, que tinha sido nomeado Secretário Provincial do movimento para aquela província, foi quem organizou esse sistema; mais tarde, verificou-se que ele guardava os lucros para si e seus colaboradores e acabou por desertar, em 1969, pouco depois da morte de Mondlane.

Este não foi o único incidente que ensombrou os primeiros anos da FRELIMO: Mateus Gwengere, um padre católico que tinha aliciado muitos jovens da sua província (Tete) e era professor do Instituto de Moçambique, insurgiu-se contra a política do movimento de enviar a maior parte dos jovens para a luta armada, em vez de incentivá-los a continuar os estudos. Em Março de 1968, verificou-se um motim, seguido pelo abandono quase maciço dos estudantes que, mais tarde, se descobriu ter sido despoletado por Gwengere. Em Maio, uma multidão de macondes invadiu os escritórios do movimento e assassinou um dos membros do Comité Central, Mateus Sansão Muthemba – exigiam a independência imediata de Cabo Delgado. Entretanto, Nkavandame tentou forçar a realização de um congresso do movimento na Tanzânia, mas o Comité Central decidiu realizá-lo em Matchedje, nas zonas libertadas do Niassa, em Julho de 1968.

Nesse congresso – o II Congresso da FRELIMO -, Mondlane foi reeleito como presidente e Uria Simango como vice-presidente, mas foi ainda criado um conselho executivo, que incluía a presidência e os chefes dos departamentos. O mais importante foi que o congresso reafirmou a política definida de lutar pela “*independência total e completa*” de Moçambique e não apenas de parte dela.

Eduardo Mondlane morreu a 3 de Fevereiro de 1969 ao abrir uma encomenda que continha uma bomba, na casa de uma ex-secretária sua, Betty King. Suspeita-se que a encomenda teria sido preparada em Lourenço Marques, pela PIDE, a polícia secreta portuguesa, mas como chegou às suas mãos e porque foi ele a abri-la nunca ficou esclarecido.

Mondlane deixou viúva, Janet Mondlane, que foi a primeira Directora Nacional de Acção Social de Moçambique independente e a primeira presidente do Conselho Nacional contra a SIDA, já nos anos 2000-2004, e três filhos. Mais importante, deixou um livro, “*Lutar por Moçambique*”, que só foi publicado alguns meses depois da sua morte, onde detalha como funcionava o sistema colonial em Moçambique e o que seria necessário para desenvolver o país. (Wikipédia, 2019.)

Sousa (2008), certificando com a citação acima, fala da “experiência de vida do líder Eduardo Mondlane, o seu profissionalismo, os apoios que recebidos de diversos quadrantes políticos”, o tornara “rapidamente em um líder capaz de unificar as diversas forças numa única frente comum” (SOUSA, 2008, p. 158).

Com o assassinato de Eduardo, no dia 3 de fevereiro de 1969, provocou-se uma divisão no seio do partido e comprometeu a liderança política. Em uma breve análise, apresentou-se um pouco do percurso político de um dirigente africano que teve um papel fundamental na luta pela independência do seu país.

Segundo Martins (2017), o panorama histórico do cenário moçambicano também está presente na escrita do autor (Mia Couto), que desenvolve personagens,

paisagens e contextos engendrados no pano de fundo da guerra, marginalização, desumanização e opressão dos colonizadores portugueses em Moçambique.

Assim, a palavra Guerra, carrega grandes proporções de terror aos africanos, mas, nem sempre foi assim, em sua etimologia histórica mostra uma palavra de procedência germânica *werra* (de onde virá igualmente o *war* no inglês), cujo significado inicial não era o de conflito sangrento, algo mais na linha da discordância, que podia nascer de uma simples discussão verbal e chegar, no máximo, a um duelo (HR IDIOMAS, 2019).

Seguindo a trajetória da história humana percebe-se que desse “máximo a um duelo” brotaria as mais cruéis barbáries de um ser chamado - se é que possa ser denominado assim - Homem. Além do trauma das batalhas, as guerras deixam rastro de destruição, as viúvas, os órfãos e os mutilados. Com essas e outras noções de guerra, que muitos escritores buscaram na literatura encontrar uma razão simples, mas de grande relevância para relatar os problemas e as dificuldades que ela pode causar na vida das pessoas. O escritor e biólogo Mia Couto quem o diga, pois, em sua vida presenciou momentos de terror que insistem em vir à tona, e, usando sua capacidade de criar e recriar as palavras, transfere para seus escritos em forma de vidas transformadas em consequências das guerras no país (Moçambique).

Segundo o MEC (2017), a conquista da soberania internacional pelos povos africanos, ofereceu-lhes a oportunidade de ampliação dos horizontes e perspectivas. Mas não foi bem assim nessa jornada. Ainda, segundo o MEC (2017):

[...] a ajuda externa, proveniente de todas as partes [aos países africanos, principalmente à Moçambique] não contribuiu de forma inexorável para acrescer os meios de resistência cultural contra a dominação estrangeira. Com efeito, as clivagens e o peso relativos ao seu passado recente, na qualidade de povo colonizado, as tergiversações e a inexperiência dos seus governantes, a atonicidade das suas iniciativas, a dispersão e o desperdício dos seus recursos e dos seus esforços nacionais, permitiram em nada encarar a situação em sua totalidade, tampouco definir uma problemática, uma estratégia ou programas operacionais capazes de guiar, de forma segura, a sua marcha rumo à unidade e à libertação desejada.

Pois, compreender as economias de guerra, por parte de seus líderes, nos países em desenvolvimento torna-se um fator importante para a reconstrução do crescimento educacional, para a diminuição da pobreza e para a manutenção de sistemas políticos estáveis nesses países.

Assim, após as guerras e as explorações da colonização europeia, uma parte da África, conseguiu se recompor, enquanto outras possui um número maior de animais do que de humanos, tendo um ambiente muito mais aprazível.

Por sua vez, Mia Couto nas suas ficções, traz o passado como um lugar de pesquisa pontuando questões da história recente de Moçambique, revelando a emancipação política advinda dos conflitos de colonização e pós-regime colonial no país dos anos oitenta e noventa (MARTINS 2017).

3.1 A literatura: fonte de esperança para os moçambicanos

Durante o colonialismo moçambicano, várias foram as formas de a crítica literária referir-se às literaturas africanas, expressões tais como: “literatura da África portuguesa” ou “literatura ultramarina” ou ainda, “literatura ultramarina de Portugal”, eram comumente usadas para definir os escritos africanos. Os autores que hoje são representantes do sistema literário moçambicano, como Luís Bernardo Honwana, por exemplo, eram referidos ironicamente na crítica colonial “como fruto da inexperiência de quem não é ainda nem homem, nem escritor [...]”, como menciona Silva (2010).

A partir de 1930 se conheceu o mais notável e incontestável impulso da literatura africana. Segundo Mazrui (2011), o que de fato alavancou tudo isso foi o crescente “desenvolvimento da educação” no país, mesmo em passos lentos, mas bem significantes para a mudança do cenário trágico deixado pela guerra em Moçambique. Abrindo as portas para “os estudos”, criando “ambiente instruído em razão do qual emergiram novos escritores (...) de literatura africana”.

Foi nesse afã crescente da literatura, após 25 anos de desenvolvimento literário africano, que Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido por Mia Couto (biólogo, jornalista e escritor) nasceu, em 5 de Julho de 1955, na cidade da Beira, em Moçambique/África. Filho de Maria de Jesus e Fernando Couto, emigrantes portugueses. Mia Couto publicou os seus primeiros poemas no jornal Notícias da Beira, com 14 anos. Iniciava assim o seu percurso literário dentro de uma área específica da literatura – a poesia, mas posteriormente viria a escrever as suas obras em prosa (FENSK, 2012).

Para Fensk (2012), Mia Couto é um "escritor da terra", escreve e descreve as próprias raízes do mundo, explorando a própria natureza humana na sua relação umbilical com a terra. Ele relata em sua pesquisa sobre Mia Couto, que:

A sua linguagem extremamente rica e muito fértil em neologismos, confere-lhe um atributo de singular percepção e interpretação da beleza interna das coisas. Cada palavra inventada como que adivinha a secreta natureza daquilo a que se refere, entende-se como se nenhuma outra pudesse ter sido utilizada em seu lugar. As imagens de Mia Couto evocam a intuição de mundos fantásticos e em certa medida um pouco surrealistas, subjacentes ao mundo em que se vive, que envolve de uma ambiência terna e pacífica de sonhos - o mundo vivo das histórias. (FENSK, 2012).

O próprio escritor, Mia Couto, em sua narrativa, declara: “a família, a escola, os outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar” (COUTO, 2016. pág.13). Para o mesmo autor, a educação através da literatura africana continua com a sua grande contribuição na formação do povo moçambicano ajudando na tomada de consciência, onde a educação se tornou prioritária para possibilitar uma revolução contra o jugo colonial. Mia Couto acreditava e segue confiante nesse pensamento expondo sempre em suas literaturas que é por meio da educação que se pode mudar uma sociedade.

No entanto, não somente Mia Couto traz à tona essas questões revolucionárias contrárias à guerra e ao colonialismo em Moçambique. Outros escritores famosos no mundo literário tiveram suas contribuições para a libertação educacional ocorrer no país e em toda a África, Magnier (2011) cita alguns em sua entrevista para o *site* Buala:

Injustamente desconhecidas, as literaturas lusófonas da África mostram, há cinquenta anos, uma vitalidade e uma fertilidade surpreendentes da qual é testemunha tanto a poesia militante de revolta contra o colonialismo sob a pluma da primeira geração de escritores (Antônio Jacinto, Viriato da Cruz, Antônio Cardoso, Agostinho Neto), como a ficção moderna e metafórica dos romancistas contemporâneos, dentre os quais Mia Couto (Moçambique), Pepetela (Angola), Germano Almeida (Cabo-Verde) e Abdulai Silai (Guiné-Bissau).

Conforme a citação de Magnier (2011) a literatura africana surgida nas primeiras décadas do século XX, é um dos componentes essenciais na luta contra o colonialismo no continente africano. Seus poetas, dramaturgos e romancistas ampliaram consideravelmente o leque do imaginário literário.

Jobim (1998) elenca uma relação ao tipo de trabalho teórico que se pode desenvolver, atualmente, sobre a história da literatura africana, o autor apresenta-nos séries de possibilidades que se abrem ao pesquisador dessa área:

Pode-se, por exemplo, tratar do inventário de mudanças nas descrições do que é literatura; averiguar por que e como essas mudanças se deram; indagar sobre a autoconsciência dos produtores destas descrições no passado; ou sobre a nossa própria autoconsciência, ao examinarmos a deles. Pode-se examinar como se configuram visões de ou sobre a literatura em estruturas sociais, tanto de “dentro” de um período, na perspectiva produzida por este período sobre si próprio, quanto de “fora”, na visão que outro período lança sobre ele. Pode-se também presumir que tanto os pressupostos, métodos e limites do que se concebe como Histórias mudaram e mudam o que se entende por literatura. Para compreender o roteiro das mudanças, podem-se recuperar instituições, maneiras de pensar, modos de escrever que se procurou apagar ou que de alguma maneira sobreviveram. (JOBIM, 1998, p. 9)

O autor citado acima continua escrevendo outras maneiras que podem ampliar os conceitos e estudos literários dando ênfase aos escritores e suas obras em conjunto ao público que têm contato com os teóricos africanos. Jobim (1998) continua seu discurso da seguinte forma:

É possível também trabalhar com as descrições de autores, obras, períodos; com sua aprovação ou reprovação por vários e sucessivos públicos; com os alegados fundamentos desta aprovação ou reprovação; com as interpolações, inferências, escolhas, arranjos, ordenações, seleções e princípios usados para controlar seleções –, juízos – e critérios usados para a emissão desses juízos –; com a escolha de temas e interesses; com a relação entre o conhecimento histórico e os problemas e concepções dominantes da cultura do período em que foi escrito; com os processos ou argumentos utilizados para justificar uma interpretação histórica; com a temporalidade dos discursos de e sobre a literatura, inseridos em quadros de referência de diferentes visões de mundo, nas quais se expressa a complexidade das formas de representação da realidade; com a escrita da história literária como evento também histórico, cujos enunciados pagam necessariamente tributo ao momento de enunciação; com o sentido atribuído às formas com que se produz o discurso histórico de e sobre a literatura. A análise desse discurso poderia inclusive enriquecer nossa compreensão sobre a configuração e o papel social dele, relacionando-o: com os programas de vida que comunidades humanas inventaram no passado e com as representações que foram criadas para preencher seu imaginário; ou com as justificativas necessárias para estas invenções, a ponto de, às vezes, pela imposição de crenças coletivas operadas socialmente, transformá-las de possibilidades em necessidades. (JOBIM, 1998, p. 9-10)

Percebe-se na citação do autor outrora mencionado, as possibilidades de usar a literatura africana, assim como outras literaturas no espaço escolar, vão muito além do que se pode imaginar, são inúmeras formas de trabalhar, desde a análise da “autoconsciência” à análise do discurso dos escritores literários.

Trata-se também, como se pode vê, de um quase infinito leque de possibilidades, “mesmo se tivermos como referência corpus literários já estabelecidos e canonizados, como os das literaturas brasileira e portuguesa” (SILVA, 2010). Mas, no que diz respeito às literaturas africanas de língua portuguesa, esse campo de

estudos é ainda mais imenso, por se tratar de sistemas literários constituídos recentemente.

Segundo Almeida (2017), corroborando com Jobim (1998) já falou, afirma o seguinte:

A predominância da produção de materiais para apoio ao docente é adequada, pois é desejável que ele produza, a partir de seus conhecimentos e experiências, e das realidades e coletivos humanos com que interage, as melhores alternativas didáticas e metodológicas para sua intervenção. (Almeida, 2017, p. 65).

Por tanto, a literatura africana aqui no Brasil, como em outros países, tem tomado forma contundente nas salas de aulas e nas redes de ensino. Considera-se que essa tarefa, “pode se configurar em uma contribuição para a desconstrução do ideário e das práticas que mantêm vivo e operante o racismo institucional. E que cabe à universidade e à pesquisa um papel importante nesse processo” (ALMEIDA 2017, p. 77).

Basta apenas buscar e colocar a prática no cotidiano para que se tenha êxito nos ensinamentos das literaturas estudadas na rede de ensino, para isso precisa-se que os docentes e discentes deixem o comodismo de lado e se atentem para essa vasta gama literária de conhecimento que transpõe continentes.

4 O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA MODERNA NA ÁFRICA

Sabe-se que a partir da década de 30, houve um desenrolar da literatura na África. Segundo Mazrui (2011, p. 663):

As formas mais correntes de criação literária no curso deste período são, primeiramente a poesia e a eloquência, em seguida o drama e o teatro e, finalmente, o romance. Entretanto, a crônica, o ensaio e a bibliografia, muito presentes, aparecem após estes gêneros dominantes. A eloquência e a poesia talvez constituam gêneros literários que mais facilmente se adaptaram à tradição do país.

A África sempre teve poetas, oradores e autores de canções. E, assim como em outros continentes, “o *conto* fora, bem entendido, a forma primordial, facilitava a passagem à crônica”. Em contrapartida, ele diz que:

[...] o romance, na qualidade de meio de expressão artística a elaborar uma história singular baseada em personagens, uma intriga ou relato, ultrapassa além das convenções dos griôs. Em meio a todas as formas literárias que irromperam na África durante a dominação colonial europeia, o romance surgia, sob muitos aspectos, como a mais puramente [expressão literária] europeia. (MAZRUI, 2011, p. 664):

Essa diferença, segundo o autor, não residia na complexidade da matéria, pois – o *conto* – existe, ao menos há um milênio, na África Ocidental, os griôs contavam, à excelência, narrativas épicas, muito longas e sabiamente construídas.

Assim, esses contadores de histórias, encontraram ou têm ainda, diversas dificuldades para perpetuarem suas tradições à luz da literatura devido “o complexo jogo de influências e inovações advinda, com o passar das gerações”.

Ao se tratar desse aspecto, Mazrui (2011), expõe um pouco dessas dificuldades, comentando o seguinte:

Previamente à abordagem dos principais temas da literatura africana, falta-nos antes dizer algumas palavras, relativas às dificuldades econômicas e técnicas, a terem bloqueado e freado sobremaneira a produção literária. A escassez de gráficas, a falta de editoras de um porte razoável, na maioria das regiões do continente, bem como o oneroso custo dos livros constitui os maiores obstáculos. (p. 665)

Vale ressaltar que, o escritor tinha pouquíssimos compatriotas conhecedores das línguas europeias, eram ainda mais raros aqueles capazes de adquirir os livros, Mazrui (2011).

Mazrui (2011) ressaltava outro problema enfrentado pelos artistas africanos de expressão oral, segue adiante o texto:

Os novos artistas de expressão oral são ignorados pelas pesquisas literárias, dada sua expressão e malgrado a sua contemporaneidade, sob forma associada ao arcaísmo. Ademais, eles somente atingem o público que os escuta. Assim sendo, os autores orais africanos da atualidade padecem com a ausência de um auditório africano diversificado e, em razão disso, sofrem as consequências. (MAZRUI, 2011, p. 665)

Além dos problemas que os autores africanos passam, vale ressaltar um detalhe importante na literatura oral na África, é o fato das mulheres serem, em proporção relevante, as autoras e contadoras dessas histórias culturais dos povos africanos. “Dotadas de formidável domínio sobre a palavra dita e de uma virtuosidade, elas ilustram-se tanto em poesia quanto na narrativa” (MAZRUI, 2011, pág. 665).

Os escritores originários da África reuniram-se em poesia, para expressarem a dor da separação relativa aos ancestrais e afirmaram o valor da tradição e da autenticidade africana. A partir da década de 50, organizaram-se com o objetivo ambicioso de promover a análise dos povos negros colonizados, especialmente através do estudo e da promoção da criação literária africana.

A crítica literária e os historiadores, de concordância com o que diz Fonseca (2008), “concordam que os fundamentos de momentos que caracterizam-se pelo surgimento de movimentos literários significativos ou de obras importantes para o desenvolvimento das literaturas africanas”, destacam-se os seguintes:

- a) em Cabo Verde, a publicação da revista *Claridade* (1936-1960);
- b) em São Tomé e Príncipe, a publicação do livro de poemas *Ilha de nome santo* (1942), de Francisco José Tenreiro;
- c) em Angola, o movimento “Vamos descobrir Angola” (1948) e a publicação da revista *Mensagem* (1951-1952);
- d) em Moçambique, a publicação da revista *Msaho* (1952);
- e) na Guiné-Bissau, a publicação da antologia *Mantinhas para quem luta!* (1977), pelo Conselho Nacional de Cultura. (FONSECA, 2008, p. 03).

Além desses momentos importantes já comentado pelo autor para a literatura africana, pode-se acrescentar outros que com clareza, abrangem a narrativa e a produção diacrônica das literaturas mais recente dos diferentes países africanos, suas manifestações artísticas da prosa e poesia. Segundo Fonseca (2008), esses instantes se baseiam em:

as dificuldades do sujeito poético de se encontrar com seu universo africano; o fato de que grande parte da produção literária reflete a busca da identidade cultural e a tomada progressiva de uma consciência nacional; o fato de que é sempre possível detectar, nos autores, o momento poético da luta, que se configura num discurso de resistência e de reivindicação por mudanças; as mudanças que encaminham para um processo de releitura constante que liga o presente e o passado na construção de uma África que se renova continuamente. (FONSECA, 2008, p. 03)

Como se nota nas referidas palavras do autor mencionado, pode-se dizer que essas características nos autores africanos estão marcados interiormente na vida de cada um. Nota-se a resistência pelo colonialismo; a busca incessante pela libertação; a progressão “de uma consciência nacional” e o “processo de releitura constante que liga o presente ao passado na construção de uma África que se renova continuamente”.

4.1 A modernidade e a tradição africana

Em uma análise mais profunda, pode-se dizer que a literatura africana tem alguns principais domínios de interesse dos escritores. Muitos conflitos de valores, estreitamente ligados entre si, aparecem como temas dos escritores africanos.

Mazrui (2011), relaciona-os: O primeiro destes temas versa entre o passado e o presente da África, numa idealização daquilo que outrora existia ou posso ter existido. O segundo tema relacionado aborda “o conflito entre a tradição e a modernidade”. Permanecendo até os dias atuais.

O terceiro tema trata da “oposição entre o mundo autóctone e o mundo estrangeiro”. Verifica-se nesse aspecto literário, “uma luta pela supremacia entre as tradições” naturais africanas “e as tradições importadas”. O quarto tema baseia-se “no conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre os direitos privados e o dever público”. O quinto, “diz respeito ao grande dilema entre o socialismo e o capitalismo” [...] “o anseio pela equidade e a busca pela abundância”.

O sexto dilema, “está estreitamente ligado ao precedente, entre desenvolvimento e autossuficiência, entre uma evolução econômica rápida sustentada por ajuda estrangeira, por um lado, e um progresso mais lento, porém autônomo, por outro”.

O sétimo tema usado nos escritos literários africano, concerne entre os “direitos dos africanos” como membros de uma “raça particular”, “um continente particular” e os “deveres como membros da espécie humana” (MAZRUI, 2011, p. 667-678). Conforme afirma Silva (2011, pág. 04):

Do ponto de vista dos temas e motivos literários representados [...], destaca-se, sem dúvida alguma, a temática social, sempre reconstruída a partir da ótica literária, com a exposição dos conflitos raciais e a exploração da dicotomia entre civilização (europeus) e barbárie (africanos), temas construídos a partir de uma visão deliberadamente pessimista da sociedade.

Com obras que conseguem exprimir literariamente uma realidade onde conflitos raciais e outras formas de comprometimentos sociais são trazidos à tona, os escritores revelam a complexa e traumática herança da colonização do continente africano.

Segundo Mazrui (2011), a nostalgia do passado na África amalgama-se com os valores da tradição em conflito com a modernidade. Para ele, “os escritores e poetas desta época sabiam que, caso se quisessem aumentar a produtividade, mais valia aprender a utilizar o trator que dançar para fazer chover”. Ele completa dizendo que a “modernidade na África, não se opôs somente à tradição”, mas com o “mundo estrangeiro”, a famosa ocidentalização (MAZRUI, 2011, p. 679-680), que segundo o *site* Wikipédia (2019), a define como:

[...] um processo através do qual sociedades não-ocidentais recaem sob influência da cultura ocidental em questões tais como indústria, tecnologia, lei, política, economia, estilo de vida, dieta, língua, religião ou outros valores, [...] a ocidentalização também pode ser relacionada ao processo de aculturação, [...] mudanças que ocorre dentro de uma sociedade ou cultura quando dois grupos diferentes entram em contato direto contínuo.

Observa-se no processo transformador resultante dessa união de diferentes povos, a transculturação, geram-se novos e imprevisíveis produtos culturais, pós-coloniais marcadas por histórias de deslocamento e por aproximações de diferentes culturas.

Não é de se admirar que esses aspectos estão ligados diretamente no cotidiano dos moçambicanos, as suas obras literárias até então, eram marcadas pelas características europeias. “Os poetas da geração em referência”, como fala Fonseca (2008), “esqueceram-se da terra e do povo. De olhos fixos nos clássicos europeus, os escritores produziam uma poesia em que o amor, o sofrimento pessoal, a exaltação patriótica e o saudosismo eram traços comuns” (p. 04).

Mas, vale lembrar que de todos os gêneros da literatura africana, os romances, contos e poesias, esta última, merece um papel de destaque no texto, em razão do apelo histórico ser mais explícita. A preferência dos africanos pela poesia, se dava como forma de protesto, até mesmo pela facilidade de memorização, o que permitia sua transmissão mais rapidamente já que a mensagem poética tinha como finalidade operar uma intervenção na vida social. Ainda, segundo o que escreveu Laranjeira (2001, p.178) publicado no *site* da Revista de Filologia Românica em 2001, “a poesia convinha mais a expressão de revolta e à denúncia direta, pontual e emocional de quadros históricos, sociais e políticos”.

Vele ressaltar, como Campos (2008, p. 23) comenta, que nos momentos atuais das literaturas, elas continuam sendo um lugar de protesto e representação de ideias e sentimentos culturais africanos. Mesmo rompendo um pouco da tradição cotidiana do continente, permanecem atentas e vigilantes em seu eterno compromisso de pensar numa identidade, sociedade, nação e, em uma África que se quer melhor. A autora acima citada continua afirmando que “a missão da literatura enquanto combatente é desconstruir os exotismos e ideias de uma cultura purista genuinamente africana”.

Nota-se na relação entre histórias, modernidade, literatura e tradições africanas, apresentam-se como um campo de investigação em que ambas se complementam, são meios que podem ser utilizados para pensar o homem, formas de apreensão do mundo que tem a realidade como referência. Como a escritora Garcia (2002) escreveu, “a literatura é uma historiografia inconsciente que permite um acesso privilegiado a uma temporalidade transcorrida. Forma de evocação do passado que captura as sensibilidades de uma época”.

Como salienta Sevcenko (1989), “a produção literária revela todo o seu potencial como documento, como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações que incorpora a história em todos os seus aspectos” (p. 246).

5 O ESCRITOR AFRICANO: Mia Couto

Na atualidade um dos escritores mais conhecidos e festejados da literatura em língua portuguesa chama-se Mia Couto, sendo ainda um autor – ao lado de outros – em que a regeneração dos valores culturais do moçambicano, destruídos pelo colonialismo europeu, passa por um contínuo exercício de subversão do português. (AFOLABI, 1997 *apud* SILVA, 2011. pág. 10).

Fensk (2012) em seu *site* descreve a biografia de Mia Couto de maneira singela e bem compreensiva. Além de dá-nos características importantes para o conhecimento do autor e de suas obras literárias.

Na citação seguinte veremos o que está explícito sobre a vida de Couto, segundo Fensk (2012):

Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido por **Mia Couto** (biólogo, jornalista e escritor), nasceu em 5 de Julho de 1955, na cidade da Beira, em Moçambique/África. Filho de *Maria de Jesus* e *Fernando Couto*, emigrantes portugueses. Mia Couto publicou os seus primeiros poemas no jornal Notícias da Beira, com 14 anos. Iniciava assim o seu percurso literário dentro de uma área específica da literatura – a poesia –, mas posteriormente viria a escrever as suas obras em prosa. Em 1972 deixou a Beira e foi para Lourenço Marques para estudar medicina. A partir de 1974 enveredou pelo jornalismo, tornando-se, com a independência, repórter e diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) - de 1976 a 1976; da revista semanal Tempo - de 1979 a 1981 e do jornal Notícias - de 1981 a 1985. Em 1985 abandonou a carreira jornalística.

Percebe-se nesta citação que o escritor desde muito cedo já tinha aptidão para a escrita. Diante disso, Fensk (2012) continua falando sobre o momento que Mia Couto volta aos estudos:

Reingressou na Universidade de Eduardo Mondlane para se formar em biologia, especializando-se na área de ecologia, sendo atualmente professor da cadeira de Ecologia em diversas faculdades desta universidade. Como biólogo tem realizado trabalhos de pesquisa em diversas áreas, com incidência na gestão de zonas costeiras e na recolha de mitos, lendas e crenças que intervêm na gestão tradicional dos recursos naturais.

Apesar de cedo, Couto inicia sua vida poética, com o passar dos anos (como está escrito na citação anterior) enredou-se para outras multiplicidades superior, mas não demora muito e Couto volta a suas raízes como escritor literário. Sobre a vida como escritor, Fensk (2012) continua seu relato:

[...] Mia Couto é um "escritor da terra", escreve e descreve as próprias raízes do mundo, explorando a própria natureza humana na sua relação umbilical com a terra. A sua linguagem extremamente rica e muito fértil em neologismos, confere-lhe um atributo de singular percepção e interpretação da beleza interna das coisas. Cada palavra inventada como que adivinha a secreta natureza daquilo a que se refere, entende-se como se nenhuma outra pudesse ter sido utilizada em seu lugar. As imagens de Mia Couto evocam a intuição de mundos fantásticos e em certa medida um pouco surrealistas, subjacentes ao mundo em que se vive, que envolve de uma ambiência terna e pacífica de sonhos - o mundo vivo das histórias. Mia Couto é um excelente contador de histórias. É o único escritor africano que é membro da *Academia Brasileira de Letras (ABL)*, como sócio correspondente, eleito em 1998, sendo o sexto ocupante da cadeira nº 5, que tem por patrono Dom Francisco de Sousa.

Nota-se sua capacidade para o mundo das literaturas, destacando-se de forma ampla. Com a sua natureza de escrita e neologismo, se destaca nas literaturas poéticas, românticas, ou nos seus contos. Para a atualidade Fensk (2012) o descreve:

Atualmente é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. As suas obras são traduzidas e publicadas em 24 países. Várias das suas obras têm sido adaptadas ao teatro e cinema. Tem recebido vários prêmios nacionais e internacionais, por vários dos seus livros e pelo conjunto da sua obra literária. É, comparado a Gabriel Garcia Márquez e Guimarães Rosa. Seu romance *Terra sonâmbula* foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Recebeu uma série de prêmios literários, entre eles o prêmio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra em 1999, o prêmio União Latina de Literaturas Românicas em 2007, o Prêmio Camões de 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa, e o Neustadt Prize de 2014.

No que foi falado por Fensk (2012) observou-se na capacidade de leitura e de escrita, fazendo-o se destacar no meio literário. Conforme Silva (2017), corrobora sobre a vida literária de Mia Couto, descreve:

António Emílio Leite Couto é, atualmente, o autor com maior visibilidade no universo das letras africanas lusófonas. [...] costuma ser comparado a outro grande autor da Língua Portuguesa do século XX, o escritor brasileiro João Guimarães Rosa, tanto por tratar de questões relacionadas à vida cotidiana, no caso de Moçambique, quanto pela inventividade de sua escrita, numa permanente descoberta de novas palavras, por meio de um processo de cruzamento entre o português culto e os vários registros linguísticos empregados pela população comum, num inusitado processo de criação, apropriação e renovação do português. A vida do povo moçambicano e sua cultura de modo geral estão representados em sua extensa obra ficcional, onde não faltam o humor e o trágico, a incorporação da linguagem cotidiana, a inclusão do fantástico e do imaginário, tudo veiculado por meio de uma escrita em que se destaca, [...] em um intenso trabalho de criatividade linguística. (SILVA, 2017, p. 164).

A vida de Couto é rodeada por admirações e comparações, como se nota no texto outrora citado, mas, o que tornou-o assim, admirável e amado pelos leitores,

foi pelo simples ato de ler e escrever, como ele mesmo disse em uma entrevista cedida para o *site* Rede Brasil Atual, editada e publicada por Muniz (2013), era a escola o único veículo da língua portuguesa, com esta visão do futuro Couto complementa: “poderíamos ter muitos jovens escrevendo e trazendo novas propostas” para a literatura.

Nas suas narrativas, Couto, chama-nos a atenção para um motivo comum que traspassa sua escrita: a profunda crise econômica e cultural que segue acompanhada do cotidiano moçambicano, durante o período e depois da guerra civil, ou seja, após a independência nacional. O que Fonseca (2008) fala a respeito disso é o seguinte:

Suas obras problematizam a instabilidade na qual está mergulhado o povo moçambicano, a corrupção em todos os níveis do poder, as injustiças como consequência de um racismo étnico, a subserviência perante o estrangeiro, a perplexidade face às rápidas mudanças sociais, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria. De maneira geral, nas narrativas de Mia Couto os motivos afloram de histórias algo insólitas. O insólito é acompanhado por episódios satíricos, que imprimem dimensões hilariantes às histórias. (FONSECA, 2008, p. 34).

Ao ler Mia Couto, o leitor confronta-se com algumas situações adversas que interseccionam elementos da esfera da realidade e do onírico, “a corrupção em todos os níveis do poder”, “o desrespeito pelos valores tradicionais” entre outros como: o mundo dos vivos e dos mortos, dos feitiços e do sobrenatural. A autora outrora mencionado (Fonseca, 2008), continua afirmando o que se seguiu:

Tema recorrente nas narrativas de Mia Couto é a decadência social, evidenciada pela intervenção de alguns personagens, quando tecem críticas explícitas à conjuntura hostil na qual imperam a ausência de valores éticos e morais, a perda da memória e da dignidade humana e os desajustes econômicos e culturais vividos no país. (p. 33).

Pode-se observar na linguagem de Mia Couto como ela é fortemente induzida pela tradição oral africana. Couto transcende todos os padrões da língua portuguesa, numa manifestação postural de invenção de registros novos nos seus discursos. Fonseca (2008) salienta em seu trabalho o seguinte:

As transgressões de regras linguísticas estabelecidas manifestam a criatividade e a inventividade pessoal do autor, tanto no plano lexical quanto no plano da sintaxe narrativa. No primeiro caso, merecem referência os neologismos resultantes da combinação aleatória de partes de palavras do português europeu com bases lexicais das línguas locais moçambicanas. Quanto à sintaxe, o escritor consegue tornar as frases mais flexíveis, remodelando as potencialidades da sua estrutura. Conforme o contexto em que a renovação lexical e sintática é utilizada, o leitor é confrontado com passagens obscuras, devido, principalmente, a constantes deslocamentos de sentido, alterações de significados, reformulações de categorias habituais e introdução de expressões metafóricas inéditas que visam à criação de uma forma oralizante de discurso, pautada em recursos estilísticos que permitem a criação de polissemias textuais que ilustram situações mágicas, míticas e simbólicas. A simbologia, relacionada com o fantástico de certos eventos, entrelaça registros de diversas culturas africanas. No plano ideológico, tem-se a valorização da cultura tradicional moçambicana – africana –, postura existente em toda a sua obra ficcional. (FONSECA, 2008, p. 33-34).

Conforme o que foi expressado pela autora, Mia Couto se tornou um divisor simbólico das normas padrões literárias, trazendo para suas obras neologismos e ficções da realidade africana. Principalmente de seu povo sofrido e amargurado pela guerra, os moçambicanos.

5.1 O LIVRO: vidas transformadas pela guerra

No livro “Antes de Nascer o Mundo” Couto consegue inspirar-se em memórias guardadas e as transcreve através da história de cinco seres: Silvestre Vitalício, Ntunzi, Mwanito, Zacarias Kalash e o Tio Aproximado. Todo o drama do conto de Mia Couto é visto pelos olhos narrativos de Mwanito, filho caçula de Silvestre. Com seus doze anos de idade tenta encontrar sentido para sua existência e de sua família enlutada, tendo a morte como sombra do passado e presente, sem esperança em um futuro melhor a ser vivido.

Nota-se que para uma criança sem endereço certo, seria impossível a sua educação por parte de entidades escolares, visto que por motivos causados pela guerra no país, foram obrigados a deixar sua convivência local na tentativa de se refugiarem em outro. Mwanito diz na história:

Na verdade não nasci em Jerusalém. Sou, digamos emigrante de um lugar sem nome, sem geografia, sem história. Assim que minha mãe morreu, tinha eu três anos, meu pai pegou a mim e no meu irmão mais velho e abandonou a cidade. Atravessou florestas, rios, e desertos até chegar a um sítio que ele [Silvestre] adivinhava ser o mais inacessível. (COUTO. 2016. pág. 19).

Aquele local, outrora distante como é mencionado antes, para Mwanito – nosso narrador – seria o seu novo lar. Ele fala o seguinte ao chegarem nesse lugar desconhecido:

- *Esta é a vossa nova casa*
- *Que casa?* – perguntou o meu irmão, enquanto varria com o olhar a paisagem bravia.
- Meu pai, ainda sentado no veículo, corrigiu:
- *Casa, não. Este é o nosso país.* (COUTO, 2016, p. 69)

Ali, naquele lugar distante de todos, para Mwanito, a sua única função era ficar calado, calado sem poder expressar sua opinião, sem poder resolver sua situação em meio aos desastres da vida. “Eu nasci para estar calado” – diz ele, “minha única vocação é o silêncio. (COUTO, 2016. pág.13). Para este personagem o silêncio funciona como uma válvula de escape às interações humanas é pelo silêncio que seu velho pai viúvo, busca encontrar paz e sentido para o seu estado de esquecimento, exílio e ausência das palavras. Couto, em uma outra descrição do silêncio escreveu:

De que vale ter voz
se só quando não falo é que me entendem?
De que vale acordar
se o que vivo é menos do que o que sonhei? (COUTO, 2009, p. 131).

Observa-se aqui na leitura desse trecho de Mia Couto escrito em seu livro *O Fio das Missangas*, aquilo que Mwanito – no livro *Antes de Nascer o Mundo* – é precursor, do silêncio. Trágico episódio vivido por muitos no período colonial, onde ninguém tinha vez e voz para se rebelar contra o imperialismo europeu sobre o povo moçambicano.

Oliveira (2009) discorre ainda que:

Nesse país [Moçambique] imerso numa profunda crise econômica e cultural a ficção de Mia Couto mostra a resistência “heroica” daqueles que, [...] ainda “ousam” sonhar e ter esperança, não obstante estarem mergulhados em situações de barbárie, arbitrariedades e abusos de poder. Ficção que potencializa o valor dos sonhos e o seu talento para converter e regenerar a vida faz emergir uma literatura engajada no âmbito histórico e também social, que cria e recria o real opressor e opressivo, traços gritantes no Moçambique colonial e pós-colonial (OLIVEIRA. 2009, p.01).

Baseado no que o autor citado antes disse, pode-se refletir no quanto a guerra em Moçambique tem deixado marcas na vida desses personagens. Como no próprio nome de sua mãe sugere, Dordalma, carregava muita significância: dor n’alma, ao mesmo tempo provocando muita dor na alma dos cinco homens.

Na busca desesperadora para entender o mundo à sua volta, Mwanito conta que seu pai e os outros se mudaram para aquela terra após a morte de sua mãe,

Dordalma. Durante grande parte do romance não se sabe com presteza como Dordalma morreu. Camila (2015), comenta:

O que pode-se aprender é que sua morte dilacerou a vida de todos em Jerusalém. Silvestre Vitalício não se chamava assim quando era casado com Dordalma – seu nome era Mateus Ventura. Ele mesmo mudou não somente seu próprio nome, mas também rebatizou seu filho mais velho, o militar e seu cunhado. Apenas a Mwanito é permitido manter o nome original.

Por todo o romance ver-se a presença de “fantasmas” que assombram os moradores de Jerusalém. Esses fantasmas são os traumas da guerra que acontece “lá fora”, das mortes, do isolamento, da vergonha. Pode-se pensar ainda que Silvestre Vitalício é um louco e explorador de seus filhos. Porém, mais do que tudo, Vitalício é um homem marcado pela dor (CAMILA, 2015). Por isso Silvestre tinha Mwanito, seu caçula, como favorito. Como pode-se notar na citação seguinte:

A razão desse favoritismo sucedera num único instante: no funeral da nossa mãe, Silvestre não sabia estrear a viuvez e se afastou para um recanto para se derramar em pranto. Foi então que me acerquei de meu pai e ele se ajoelhou para enfrentar a pequenez dos meus três anos. Ergui os braços e, em vez de lhe limpar o rosto, coloquei as minhas pequenas mãos sobre os seus ouvidos. Como se quisesse convertê-lo em ilha e o alonjasse de tudo que tivesse voz. Silvestre fechou os olhos nesse recinto sem eco: e viu que Dordalma não tinha morrido. O braço, cego, estendeu-se na penumbra: — Alminha! E nunca mais ele proferiu o nome dela. Nem evocou lembrança do tempo em que tinha sido marido. Queria tudo isso calado, sepultado em esquecimento. (COUTO, 2016. pág.16).

Vê-se nesse pequeno trecho, Couto descrevendo um momento cruel na vida de Mwanito e de seu pai Silvestre. A dor da separação ocorrida pelos efeitos trágicos de circunstâncias que, pode-se aliar à guerra. Através do olhar narrativo, percebe-se a expressão “em vez de lhe limpar o rosto”, retratando um ato sentimental, talvez impossível de aceitar, a morte.

Muitas são as figuras da morte construídas por Mia Couto no romance. Elas aparecem no silêncio que antecipa a morte, na desgraça, na ausência, na dor e nas interrupções que a guerra provocou na vida dos personagens, como o próprio narrador comenta: “no funeral da nossa mãe, Silvestre não sabia estrear a viuvez e se afastou para um recanto para se derramar em pranto”.

Até então, não se sabia o motivo da morte de Dordalma e do exílio por parte dos personagens do enredo, mantendo em segredo que é apenas conhecido por três pessoas: Silvestre Vitalício, o patriarca da família e empreendedor dessa “nova vida”; o Tio Aproximado, que mora “do outro lado” e provê mantimentos para o cunhado

Silvestre; e Zacaria Kalash, o servente que ajudava a proteger os habitantes de Jerusalém.

A história é uma verdadeira saga de autodescoberta e (re) nascimentos. Santiago (2012), comenta:

Tudo e todas as possibilidades daquele mundo nascem em Jerusalém: um filhote de zebra com a égua Jezibela; a alma de uma fotógrafa portuguesa; a escrita e a leitura de Mwanito; o “Rio Avô”; os mitos sobre o céu; a magia da tempestade; as garças, a leoa, os redemoinhos; a memória dos mais velhos e a própria morte. Mia Couto consegue a difícil tarefa de articular a passagem do tempo em um lugar em que nada acontece.

Como se observa nas palavras do autor salientado acima, as histórias dos personagens no livro “Antes de Nascer o Mundo” são cheias de mistérios, fatos fictícios que podem ser considerados reais e fantasias misturadas com a realidade moçambicana. Pois nota-se, em dado momento da leitura do livro, Mwanito narrando um episódio que, acredita-se, relatar outro momento trágico ocorrido na história africana – a morte de Eduardo Mondlane, líder da Frente de Libertação Nacional de Moçambique, a FRELIMO. Fato ocorrido anos antes da guerra acabar no País. O narrador relata:

Meu pai estava ocupado remendando o tecto de nossa casa. Eu segurava a escada onde ele se empoleirava. O Tio rodopiou em redor e exclamou:

— *Meu cunhado, desça. Tenho as novidades.*

— *As novidades acabaram há muito.*

— *Peço-lhe que desça, Silvestre Vitalício.*

— *Desço quando for o tempo de descer.*

— *Morreu o presidente!*

(COUTO, 2016, p.75).

Pensa-se que a morte aqui mencionada por um dos personagens da história, o Tio Aproximado, baseia-se no fato ocorrido em 03 de fevereiro de 1969, seis anos antes da libertação de Moçambique do colonialismo português. Quando no registrado na história africana, Eduardo Mondlane recebe uma encomenda e abriu-a, aí houve uma grande explosão que o levou à morte. O caso nunca foi esclarecido por parte das autoridades locais.

Ocorrido este que causa além da morte e da guerra na vida dos personagens, traz à tona a revolta no íntimo do ser dos participantes do enredo. Mwanito relata-nos esse sentimento:

No topo dos degraus, todo o gesto ficou suspenso. Foram, contudo, escassos segundos. Logo a seguir, senti as escadas vibrarem: meu velho iniciava a descida. Em solo firme, ele se encostou à parede e se distraiu a limpar o suor que lhe escorria do rosto. Meu Tio acercou-se:

— *Ouviu o que lhe disse?*

— *Ouvi.*

— *Foi num acidente.*

Num gesto alheio, Silvestre continuou limpando o rosto. Com a palma da mão fez uma pala na testa e espreitou o lugar onde estivera empoleirado.

— *Espero que deixe de chover lá dentro — afirmou, dobrando meticulosamente o pano com que se limpava.*

— *Escutou o que lhe disse? Que morreu o presidente?*

— *Já tinha morrido antes.*

E entrou. O Tio Aproximado ficou pontapeando as pedras do átrio. A raiva é apenas um modo diverso de chorar. Conservei-me distante, fingindo que arrumava as ferramentas. Ninguém se deve aproximar de um homem que faz de conta que não chora. Aproximado tomou, então, a instantânea decisão. Foi ao paiol e chamou por Zacaria. À porta da cubata, conversaram em voz baixa. A notícia deixou o ex-militar fora de si. Não tardou que, desvairado, empunhasse uma espingarda que reviravolteou no ar em ameaças gerais. Cruzou a praceta em frente das nossas casas, gritando sem parar:

— *Mataram-lhe! Sacanas, mataram-lhe!*

E desandou em direcção ao rio e os berros foram-se atenuando até se escutarem de novo as cigarras. (COUTO, 2016, p. 76-77).

O que se nota nesta passagem, é que Mia Couto conseguiu transferir para os leitores aspectos históricos da África. Relatando assim, seu sentimento de revolta por fazer parte desse movimento de libertação moçambicana, transmitindo através da (re)ação dos personagens no livro.

Uma pessoa da ficção de Couto (2016), de importância elevada para este estudo é o militar Zacarias Kalash, que carrega no corpo as marcas da guerra pelas quais passou lutando bravamente, como se vê a seguir:

Os dedos zelosos de Zacaria comprimiam os músculos da perna de encontro ao osso. Subitamente, da carne saltavam pedaços de metal que tombavam e rodopiavam pelo chão.

— *São balas — proclamava Zacaria Kalash com orgulho.*

(COUTO, 2016, p.83).

Mia Couto faz um paralelo com a realidade em Moçambique, retratando no corpo de Kalash o nível a que se chegou com a guerra entre os povos africanos. Além de deixar marcas na alma e no físico das pessoas que tiveram que se submeter a este tipo de ato violento, assombrador e assolador. Mwanito continua a contar-nos o que segue:

Na ponta dos dedos erguia-as uma por uma e anunciava o calibre e as circunstâncias em que tinha sido alvejado. Cada uma das quatro balas tinha a sua própria proveniência.

— *Esta, a da perna, ganhei na Guerra Colonial. A da coxa veio da guerra com Ian Smith. Esta, no braço, é desta guerra de agora...*

— *E a outra?*

— *Que outra?*

— *Essa no ombro.*

— *Essa já não me lembro.*

— *Mentira, Zacaria. Conta lá.*

— *Estou a falar a sério. Mesma das outras eu nem sempre lembro bem.*

Limpava os projecteis na manga da camisa e voltava a introduzi-los na carne, usando os dedos como se empurrasse o êmbolo de uma seringa.

— *Sabe por que nunca me separo das minhas balas?*

Sabíamos. Mas fazíamos de conta que escutávamos pela primeira vez. Como ao ditado que ele mesmo inventara e que rezava: queres conhecer um homem, espreita-lhe as cicatrizes.

— *Estes são os avessos dos meus umbigos. Por aqui* — e apontava os buracos — *por aqui se escapou a morte.* (COUTO, 2016, p. 83-84).

Segundo o que nos mostra a citação acima, Kalash, nosso personagem militante, participou de vários momentos de guerrilhas, e como o livro conta-nos, “ele mesmo não tendo sido outra coisa senão militar”, adorava acariciar o jaquetão militar que sempre envergava. Os seus dedos “ganhavam sono sobre o cano da espingarda” (COUTO, 2016, p. 85).

Mas, havia um desencontro na narrativa, de primeira leitura acha-se que Zacaria Kalash defenderia o povo moçambicano, todavia, não lutava a favor dos africanos, mas do lado oposto, como explica Couto, através de Mwanito no trecho a seguir:

O Tio Aproximado foi quem desvendou esse esquecimento: por que motivo Zacaria não se lembrava de nenhuma guerra? Porque ele lutara sempre do lado errado. Foi assim desde sempre na sua família: o avô lutara contra Gungunhana, o pai se alistara na polícia colonial e ele mesmo combatera pelos portugueses na luta de libertação nacional. Para o Tio Aproximado, nosso parente visitante, aquela amnésia não merecia senão desprezo. Um militar sem lembrança de guerra é como prostituta que se diz virgem. Era isso que Aproximado, sem panos mornos, atirava à cara de Zacaria. Porém, o militar fazia ouvidos de mercador e jamais ripostava. (COUTO, 2016, p. 86)

Apesar dessa demonstração do efeito da guerra por Zacaria Kalash, a paz é o elemento-chave da narrativa até o meio do livro, quando Kalash consegue ler a sorte em um punhado de papéis rasgados e lançados ao vento.

Durante estes estudos e análises na trajetória da literatura africana, percebeu-se que tudo indica, no romance examinado que, de um modo ficcional,

procura-se testemunhar o trauma da guerra vivida pelo povo de Moçambique. Pode-se dizer depois deste breve estudo, que:

O mundo de Jesusalém nasce para o “novo velho mundo”. Então há o choque cultural e social dos antigos habitantes da pacífica Jesusalém com a desigualdade das comunidades africanas. Surgem as mulheres que lavam roupas no rio e comem formigas e barro. O livro passa para um outro momento, onde a descoberta do sexo, as passeatas pelos direitos da mulher, a corrupção política e militar, a loucura e o envelhecimento, a igreja católica, a música, a morte, a AIDS ou a segregação tomam lugar e nascem como um câncer aos olhos de um incrédulo Mwanito, que jamais pensava existir tais coisas. (SANTIAGO, 2012)

Ao passo que cada personagem envelhece, o mundo vai se tornando novo. A realidade se transforma em dinheiro e aproveitamento. Os sentimentos humanos vão se enfraquecendo. Enquanto alguns nascem para a vida e outros vivem para a morte, e a sociedade surge para se adequar às metrópoles. Na mudança de mundos, Mia Couto conseguiu captar bem essa transformação do indivíduo e do espaço ao seu redor. Pouquíssimas vezes se tem o privilégio ou a oportunidade de ler isso da maneira tão surreal como o escritor nos expõe em *Antes de Nascer o Mundo*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cicatrizes deixadas pela guerra podem ser percebidas no livro *Antes de Nascer o Mundo*, que aqui fora estudado e debatido. Que proporcionou-nos claramente a temática da guerra como princípio norteador deste trabalho de conclusão de curso.

Sabe-se que o embate colonial ainda está presente nos vestígios deixados tanto pelo sistema colonial quanto nas perdas durante todo esse tempo. E na obra que aqui foi analisada, percebe-se traços de mudanças convictas através dos fatos fictícios, mas, bem realista do cotidiano moçambicano.

Ao perceber a importância da Literatura Africana para a educação brasileira, os preconceitos que as envolvem se desfazem, e desenvolve-se uma reflexão acerca da construção de estereótipos raciais formados a partir dos discursos coloniais.

A literatura passou a ser uma forma de expressão mais contundente de aplicar os novos conceitos de educação, e uma arma contra a guerra em Moçambique. Pois, através dela os escritores, assim como Mia Couto, tornaram-se vozes na luta e resistência contra essa forma de opressão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. **Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social**. Scielo. Pro.posições. V. 28, N.1 (82). p. 55-80. jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00055.pdf>> Acesso em: 20/05/2019.

ANDRADE, Michely Peres de. **A contribuição da literatura africana para a descolonização dos currículos escolares no brasil**. Interdisciplinar • Ano VIII, v.19, nº 01, jul./dez. 2013. Itabaiana/SE | ISSN 1980-8879 | p. 41-52.

BERQUE apud FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 213.

BRASIL. 2003. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências**. Brasília: *Diário Oficial da União*, 10 de janeiro de 2003a, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 12/06/2019

CAMILA. 2015. **O silêncio que grita: Antes de nascer o mundo (2009), de Mia Couto**. Disponível em: <<https://sobrelivrosediscos.wordpress.com/2015/08/10/o-silencio-que-grita-antes-de-nascer-o-mundo-2009-de-mia-couto>> Acesso em: 13/04/2019

CAMPOS, J. S. **A historicidade das literaturas de língua oficial portuguesa**. In: I Seminário de pesquisa da pós-graduação em História-ufg/ucg, 2008, Goiânia/Go. Anais do I seminário de pesquisa da pós-graduação em história-ufg/ucg, 2008. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26_JosileneCampos_AHistoricidadeDasLiteraturas.pdf> Acesso em: 25/05/2019.

CARVALHO, Leandro. **Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasil Escola - Canal do Educador. 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/m.educador.brasilecola.uol.com.br/amp/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm>> Acesso em: 21/06/2019

COUTO, Mia. **“Antes de nascer o mundo”**. São Paulo: Companhia das Letras, 8ª reimpressão. 2016.

_____, Mia. **O Fio das missangas** [contos]. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ESTEVEES, A.T. **O novo romance Histórico brasileiro**. In: ANTUNES, L.Z. (org) Estudos de Literatura e Linguística. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p.123-158.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 15.

FENSKE, Elfi Kürten. **Mia Couto - o afinador de silêncios**. Templo Cultural Delfos, novembro/2012. Disponível em: <www.elfikurten.com.br/2012/11/mia-couto-o-afinador-de-silencios.html?m=1>. Acessado em: 15/04/2019

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua português**. 2008. Disponível em: <http://www.4pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes> Acesso via celular em: 22/05/2019

GARCIA, Simone. **Canudos: história e literatura**. Curitiba: HD Livros, 2002.

GENTILI, P. **O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1059-1079, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302009000400007&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 22/06/2019

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HR Idiomas, **Origem da palavra “Guerra”**. 2019. Disponível em: <<https://hridiomas.com.br/origem-da-palavra-guerra/>> Acesso em 02/04/2019

JORGE, M.L.S.; AMANCIO, I.M.C. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. In: AMÂNCIO, I.M.C; GOMES, N.L; JORGE, M.L.S. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LARANJEIRA, José Pires. **Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa**. Revista de Filologia Românica. Anejos II, 185-205, 2001. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM0101220185A>> Acesso em: 22/06/2019

MAGNIER, Bernard. **A nova literatura africana - uma geração de escritores livres que almeja ser universal**. Buala. 20 dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/a-nova-literatura-africana-uma-geracao-de-escritores-livres-que-almeja-ser-universal>> Acesso em: 15/05/2019.

MARTINS, Ana Claudia Servilha. **Tradição e Modernidade em Terra Sonâmbula e Antes de Nascer o Mundo, de Mia Couto**. Tangará da Serra, 2017. Disponível em <<https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/2324>> Acessado em: 10/04/2019

MAZRUI, A. A. MEC. Ministério da Educação. UNESCO REPRESENTAÇÃO NO BRASIL. **História geral da África. VIII.** Editor Assistente C. Wondji, 2011.

MUNIZ, Estevan. **Aula depois da guerra.** Site IG. 2013. Disponível em: <<http://www.gabrielchalita.com.br/index.php/features/educacao-em-foco/item/737-a-aula-depois-da-guerra.html>> Acesso em: 10/04/2019

_____, Estevan. **Mia Couto e a paz.** Site Rede Brasil Atual. 2013. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/?s=Mia+couto+e+a+paz>> Acesso em 16/06/2019

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTOMAURO, Jéssica Gonçalves. **A importância da literatura africana no ensino da história e das culturas da África: a desconstrução da ideia de um continente genérico.** Rev. Triang. Uberaba, MG v.11 n.3 p. 87 - 99 Set./ Dez. 2018. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/download/2554/3226>> Acesso em: 16/06/2019.

NOA, F. **Império, mito e miopia:** Moçambique como invenção literária. Série Ciências e Artes. São Paulo: Kapulana, 2015. 374p.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. 2009. **As impermanências da paisagem em Terra Sonâmbula: Sonho e Resistência.** Disponível em: <http://www.uff.br/revistaabril/revista-02/009_ana%20maria%20oliveira.pdf> Acesso em: 16/04/2019.

SANSONE, Lívio. **Da África ao afro:** uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Universidade Candido Mendes. 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como Missão: tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República.** 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1989.

SILVA, Claudionor Renato da. **Literatura e História Africanas:** Implicações para a Formação de Professores, no Contexto da Lei 10.639/03. Revista das Faculdades Integradas Claretianas – N. 5 – janeiro/dezembro de 2012. Disponível em: <<https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=upload/cms/revista/sumarios/163.pdf&arquivo=sumario9.pdf>> Acessado dia 18/06/2019.

SILVA, A. C. **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto.** Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 282. ISBN 978-85-7983-112-6. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110765/ISBN9788579831126.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 20/06/2019.

SILVA, Maurício. **Os sentidos e os não sentidos da língua portuguesa: questões de língua e linguagem nos contos de Mia Couto.** RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa - nº 32 – 2017. Disponível em: <<http://rilpaulp.org/index.php/rilp/article/download/RILP2017.32.8/46>> Acesso em: 12/06/2019.

SOUSA, João Tiago. **Eduardo Mondlane e a luta pela independência de Moçambique.** In: (Coord.) TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA Julião Soares. Comunidades Imaginadas Nação e Nacionalismos em África. 2008. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32160/1/11%20joao%20tiago%20sousa.pdf> acesso em 13/06/2019.